

A Geografia na Guerra e na Paz

Respondendo às críticas ao papel da geografia, como despreciando ou pelo menos de interesse secundário quando o mundo saído do caos da guerra enfrenta os problemas da reconstrução e da consolidação da paz, E. G. TAYLOR, em artigo publicado em o número de janeiro deste ano da *Geographical Review*, põe em relêvo a exata posição da geografia, suas contribuições durante a guerra e no atual período de paz.

Hoje em dia, observa E. G. TAYLOR, todos os historiadores, políticos ou filósofos admitirão que as circunstâncias de tempo e lugar são raramente irrelevantes em relação aos fatos ou problemas de sua competência. Cada um, todavia, encara as circunstâncias geográficas como meros "acidentes" e como tendo caráter tão evidente que qualquer pessoa culta delas se apercebe sem necessidade do auxílio de geógrafos abalizados, e muito menos as considera merecedoras de estudo minucioso.

Um dos exemplos que cita evidencia claramente tal atitude: O Prof. NEFF historiador econômico, referindo-se à isenção da Inglaterra nas guerras que mais abalaram o continente no período agitado de 1560 e 1640, expressou a opinião de que a geografia era a principal razão do século de paz para o seu país. Mas, adverte, o que entendia aí por "geografia" era o mero fato de a Inglaterra ser uma ilha, o que, olhado mais de perto, não lhe confere imunidade nem impede que se torne teatro duma guerra.

Os humanistas mostram atualmente em relação à geografia, o mesmo desinteresse, esquecendo-a completamente nos seus programas destinados a desenvolver a educação e a cultura. Os cientistas puros, por sua vez, não cogitam desta ciência, uma vez que se não presta, senão em casos restritos, às experiências controladas em laboratórios e, conseqüentemente, não é, para eles, uma ciência nem uma disciplina útil. Contrastando com isso, assinala o autor, os departamentos de geografia das universidades estão repletos e o número crescente de estudantes cria o problema da ampliação dos quadros de professores e do aumento das cadeiras.

Já é tempo, acentua o autor, que a geografia, entendida no seu mais amplo sentido moderno, seja aceita não meramente como especialização acadêmica, mas como parte do lastro do pensamento culto contemporâneo.

Vejamos que fatos implica a expressão "grandes potências". São fatos geográficos. O poderio depende em primeiro lugar da disposição de áreas de baixadas propícias ao cultivo de dois ou três dos cereais mais nutritivos.

Em segundo lugar, repousa no que se pode chamar mobilidade ou acessibilidade assegurada por uma situação interposta às linhas naturais de movimento por terra e por água, que ligam os pontos de desenvolvimento atual do globo. Em terceiro lugar, figura o domínio de recursos minerais em larga escala, e, em particular, (sem dúvida de suma importância hoje) de fontes apreciáveis de energia, carvão de pedra ou petróleo a que se vêm juntar amplos potenciais hidroelétricos. E' bem de ver que nem sempre concorrem tôdas essas condições dentro dos limites de um estado nacional. As possibilidades de conjugá-las crescem, é certo, com a extensão territorial mas esta por si só não basta para tanto a despeito de reunir as condições opostas de acessibilidade e inacessibilidade que tem sua função na guerra moderna.

Daí o conhecimento preciso das bases geográficas das grandes potências ser tão importante quanto o das ideologias que informam sua organização político-social. O equilíbrio de poder sempre procurado e sempre rompido reflete uma discrepância de meios que desafiam a capacidade de previsão dos homens. Se tivéssemos que alinhar arbitrariamente os recursos mundiais em dois campos opostos equivalentes chegaríamos à impossibilidade de alcançar o equilíbrio ideal de forças.

A unidade do mundo seria a única solução.

A Terra, seus recursos e seus habitantes — salienta o autor — formam um todo orgânico interrelacionado, que se não pode compreender quando encarado parcialmente. Não é outra a concepção de ALEXANDER VON HUMBOLDT no início do século passado. E, modernamente, HALFORD MACKINDER expressou a mesma idéia quando escreveu: "Daqui em diante nada de significativo pode acontecer nas relações humanas em qualquer ponto da Terra sem que seus efeitos se espalhem por tôda a sua superfície. Temos que nos acostumar a pensar em termos de uma ambiência fechada".

(Outra expressão da mesma idéia nos oferece o general SMUTS em sua introdução à *Ecologia Humana* do Prof. BEW, em que sublinha as relações entre o indivíduo e o meio, considerando mera abstração o organismo isolado.

Em nossa época, o seccionamento das disciplinas e a separação entre as numerosas ramificações das mesmas, exigidos pela metodologia, vieram a ser encarados como valor em si, uma das características da ciência pura. Este modo de apreciar desfavoreceu a geografia, pois a palavra especialização parece estar em contradição com seu próprio objeto: focalizar o mundo como um todo orgânico. Fácilmente se descobre aí uma confusão entre o método da ciência natural e o método científico em geral. As ciências sociais, com que tem afinidade a geografia, operam com métodos próprios que podem diferir profundamente do das primeiras sem prejuízo da validade científica. Essas ciências não podem fechar-se como as outras.

Sua tendência é para interpenetrarem-se e, não raro, desaparecem os limites entre elas. O isolamento é impossível. Daí o trabalho de grupo para a solução de problemas comuns às várias ciências sociais representar hoje um imperativo com a conseqüente planificação em que se quer ver a perda da liberdade científica.

Crê o autor que a despeito das deficiências técnicas e financeiras e da sua posição entre os cientistas puros e os normativos, logra o geógrafo fortalecer a convicção de que a consideração das circunstâncias de lugar e de tempo e sua diferenciação de uma região a outra são de auxílio para a solução ou esclarecimento dos problemas peculiares a outros campos de estudo. Salieta também como o excesso de especialização se tem demonstrado prejudicial aos pesquisadores no exame de questões complexas. Onde se fazem mister explicações geográficas essas se ressentem de graves deficiências e até de erros que um geógrafo facilmente descobre. Cita, por exemplo, o *Study of History* de ARNOLD TOYNBEE em que se examinam os grandes efeitos do meio ambiente com algum desenvolvimento. Lendo-o, porém, o leitor geógrafo não pode deixar de surpreender-se ante a afirmação de que o vale do Jordão apresenta, salvo em matéria de tamanho, idênticas peculiaridades ambientais ao do Nilo. Contudo os estudos de natureza geográfica sobre problemas históricos, sociológicos e políticos são cada vez mais numerosos.

No campo de cartografia, esse grande instrumento da geografia, há que registrar importantes contribuições à compreensão dos grandes problemas do mundo atual.

Os mapas de população, de produção, de circulação por exemplo, mostram os efeitos desastrosos da divisão da Palestina, da Índia ou da Alemanha.

A mesma diversidade de recursos em que nossos antepassados viam uma providência do Criador para unir os homens em relações pacíficas e fraternas, é explorada hoje como arma política.

O confronto entre os mapas sobre o uso da Terra, hoje e no passado, permite deduzir conclusões importantes acerca da estabilidade da mesma e sobre a diferenciação regional. O mesmo poderá ser feito com relação à geografia urbana. Neste particular as investigações são tão necessárias, quanto é certo que se não deve ao acaso a concentração de uma população de um certo modo e em um certo lugar. A ignorância da interação dos fatores geográficos é de presumir-se entre os que planejam "criar" cidades e transplantar populações às dezenas de milhares de uma a outra área.

O concurso de geógrafos tem sido requerido no estudo das potencialidades de áreas para promover-lhes desenvolvimento, associando-se ao trabalho de arquitetos, engenheiros industriais, sociólogos, tendentes a resolver certos problemas de reconstrução.

Durante a guerra, os geógrafos atuaram em vários departamentos — Informação, guerra econômica, abastecimento, etc... — a par da assistência técnica prestada aos vários comandos e em várias operações militares.

Constituem segredos os pormenores de tão importantes serviços.

Do mesmo modo, resta mencionar ainda a organização de biblioteca de obras de interesse para a Marinha e o preenchimento dos quadros meteorológicos das Forças Aéreas, bem como o aperfeiçoamento dos métodos empregados nesses serviços para atender à necessidade de defesa.

As novas condições da guerra pressupõem a fixação de alvos a longa distância, o que não poderá ser feito se levarmos em conta que apenas uma fração da superfície terrestre foi coberta por levantamento instrumental do grau de precisão necessário, e que os mesmos não foram sempre coordenados no terreno, e sim por cálculos baseados numa forma presumida da Terra.

Isto significa que o futuro reside na fotogrametria, no levantamento este-reoscópico e mapeamento aéreo. Por tal processo deixará de representar uma espécie de *camouflage* natural o fato de uma nação ser mal cartografada.

Os menores acidentes do terreno não podem deixar de ter importância para os que estão no campo de batalha. A guerra mecânica só pode desenvolver-se com êxito se se puder contar com informações sobre visibilidade, tipos de florestas reveladoras da natureza do terreno, etc. Isto justifica as iniciativas recentes para promover o desenvolvimento do levantamento fotogramétrico, inclusive a criação da cátedra respectiva e a destinação de verbas para equipamento técnico. As amplas perspectivas assim abertas à técnica cartográfica trazem consigo a possibilidade de produção rápida e contínua de mapas para fins civis.

Fotografia colorida e fotografia com diferentes comprimentos de ondas são ainda mais efetivas. Anulará a *camouflage* revelando condições em profundidade tanto da terra quanto do mar. Em tempo de paz dará melhores previsões de colheitas do que as estimativas dos lavradores. Sublinha, porém, o autor que, acumulando elementos descritivos, esses mapas topográficos correm o risco de se tornarem obscuros se não forem atendidas a técnica e a terminologia geográficas modernas.

O autor descreve finalmente as investigações e trabalhos de reconhecimento realizados durante a guerra para segurança das operações de desembarque que revelaram uma zona ainda pouco conhecida em sua complexidade: a praia. As próprias denominações "linha costeira", "nível do mar", observa o autor, são hoje mais um conceito do que uma realidade.

J.M.C.L.